

FRAGMENTOS DO PRETÉRITO: REFLEXÕES ACERCA DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

Priscila Chagas Oliveira^{1*}
Universidade Federal de Pelotas

RESUMO:

Este artigo realiza revisão de literatura sobre a temática da memória e seus complexos processos de seleção, armazenamento e evocação, que influem, a nível individual e coletivo, na construção das identidades. Apresenta pesquisas sobre o cérebro explorando a memória como faculdade e fenômeno. Problematisa o conceito de memória coletiva, sugerindo reflexão à noção de compartilhamento e salienta o papel do esquecimento nos processos mnemônicos. Considera o estatuto da memória na era das redes e reconhece a superabundância de informações que caracteriza a contemporaneidade, onde a rede ora é vista como potência à construção colaborativa do conhecimento, ora é vista como risco, podendo vir a tornar-se a era do esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE:

memória individual; metamemória coletiva; lugares de memória, esquecimento, redes computacionais.

Preterite Fragments: reflections about individual and collective memory

ABSTRACT:

This paper presents a literature review of the theme of memory and its complex processes of selection, storage and recall that affect the individual and collective level, the construction of identities. It presents brain research, exploring memory as faculty and phenomenon. Discusses the concept of collective memory, suggesting a reflection of notion of sharing and emphasizes the forgetting in the memory process. Proposes a reflection about memory status in the network age and recognizes the overabundance of information that characterizes the contemporary time, where the network sometimes is seen as a potential for collective and collaborative knowledge building, and sometimes is seen as a risk, may become the era of forgetfulness.

KEYWORDS:

individual memory; collective metamemory; places of memory; forgetfulness; computer networks.

¹ *Museóloga pela UFRGS e Mestranda (bolsista Capes) do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

Aproximações acerca da (s) memória (s)

Temas que envolvem a memória e a complexa capacidade do cérebro de selecionar, armazenar, esquecer e até “fantasiar” lembranças, sempre causaram grande curiosidade e permanecem instigando inúmeras pesquisas em diversas áreas da ciência. Esse fato se deve talvez, pelo lugar privilegiado, se não exclusivo, ocupado pelo cérebro como núcleo, origem da mente, dos comportamentos, das escolhas, dos desejos, enfim, da memória e da constituição da identidade dos indivíduos (LISBOA; ZORZANELLI, 2014).

Nesse sentido, o último século se deparou com um substancial desenvolvimento de pesquisas sobre o cérebro, tendo como ênfase a faculdade/fenômeno da memória, na sua dimensão fisiológica e psicológica, com as neurociências, e com as abordagens antropológicas e sociológicas com as ciências humanas e sociais. As neurociências dedicam-se aos estudos do sistema nervoso, sua estrutura e processos de funcionamento, entendendo a memória como uma faculdade “que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa” (CANDAU, 2012: 21). As ciências humanas e sociais trabalham a memória como construção social, e têm nos estudos sobre a memória social e os processos de compartilhamento de representações sociais um amplo campo de discussão e desenvolvimento conceitual.

Para o médico e cientista Ivan Izquierdo (1989), coordenador do Centro de Memória e Altos Estudos do Instituto do Cérebro da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul², estudar de forma conjunta os processos nervosos, celulares, cognitivos e comportamentais parece ser a melhor estratégia para a compreensão do alto grau de complexidade inerente à cognição humana e nomeadamente aos processos memoriais. No entanto, a codificação das memórias é em grande parte influenciada pelas condições sociais de transmissão (CANDAU, 2008; HALBWACHS, 1990), e, portanto, uma abordagem transdisciplinar é indispensável quando se busca aproximação com tal tema de estudo.

No geral, qualquer aproximação dos processos mnemônicos buscará compreender de antemão a seguinte questão: o que é a memória? Izquierdo (1989) sintetiza: “Desde um ponto de vista prático, a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências” (IZQUIERDO, 1989: 89) e completa:

Memória são as ruínas de Roma e as ruínas de nosso passado; memória tem o sistema imunológico, uma mola e um computador [...]. Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não realidades. (IZQUIERDO, 1989: 89)

A partir do mesmo argumento, o professor responsável pelo Laboratório de Antropologia e Sociologia da Memória: memória, identidade e cognição social da Universidade Nice Sophia Antipolis³, Joel Candau (2012) reconhece que a memória é “uma reconstrução continuamente atualizada do passado” (CANDAU, 2012: 09) e, desta forma, nunca será uma restituição fiel destas mesmas experiências.

Por outro lado, Henri Bergson, filósofo francês e autor da obra *Matéria e Memória* defende que não podemos reduzir a matéria – conjunto de imagens que nos cercam – à representação que temos dela, nem como aquilo que produz em nós representações (ANDRADE, 2012). Para o autor a memória é um fenômeno que prolonga o passado no presente e está relacionada com o corpo, com as

2 Para saber mais acesse InsCer <http://inscer.pucrs.br/centro-de-memoria/>

3 Para saber mais acesse: LASMIC <http://lasmic.unice.fr/homepage-candau.html>

imagens que lhe são exteriores e com as percepções por ele captadas. A categoria tempo é fundamental em sua obra e por isso o autor vale-se do conceito de duração, que não se trata de um instante sucedido por outro, mas de um progresso contínuo do passado que rói o porvir e avança sobre ele (BERGSON, 1999).

Bergson distingue dois tipos de memória que vale destacar: a memória-hábito, que se encontra inscrita no corpo e não é reconhecida como passado e a memória- regressiva, responsável pelas imagens-lembranças. Na relação da matéria com a memória, Bergson reconhece as imagens-lembranças como a memória que permite o reconhecimento inteligível de uma percepção já experienciada, de um passado que é retomado no presente, justamente pela sua utilidade prática. Para ele, uma percepção presente tem poder de evocar percepções passadas que se igualam a ela e, assim, a memória nos lança imagens-lembranças do objeto ausente, como momentos múltiplos da duração (BERGSON, 1999).

Podemos então pensar a memória como uma faculdade inerente aos indivíduos dotados de um sistema nervoso do qual é atividade básica, mas ela também pode ser vista como objeto de construção social, constituindo-se de uma reconstrução continuada do passado a partir do presente, mas com vistas a um futuro. Encontra-se aí a relevância da afirmação da professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Maria Letícia Mazzucchi Ferreira: “É já recorrente dizer que não é tanto o passado, esse da memória retrógrada ou do sentimento nostálgico, que mais interessaria e sim o uso desse passado na construção de um futuro” (FERREIRA, 2011: 103).

A complexidade dos processos memoriais incita ainda mais dúvidas: como explicar o funcionamento das memórias? Onde elas se localizam? Podemos compartilhar memórias e lembranças com outros indivíduos? Se somos quem lembramos ser, como muito sabiamente nos diz Ivan Izquierdo (1989), quem seríamos se perdêssemos nossas memórias? Se não podemos lembrar de tudo, como selecionamos? Que mecanismos selecionam o que deve ser lembrado? A partir destes questionamentos ficam claros dois aspectos que merecem destaque: o primeiro, tanto a memória como a identidade estão intrinsecamente imbricadas, e o segundo, lembrança e esquecimento são as duas caras da mesma moeda (HUYSSSEN, 2002).

Diante disto, esse artigo buscará realizar uma revisão de literatura a fim de refletirmos sobre como passamos das formas individuais às formas coletivas da memória, tendo em vista que não há como estudar sua dimensão social desvinculada da sua dimensão individual. A partir dos autores Izquierdo, Milner, Squire e Kandel discutiremos a área da fisiologia da memória, reconhecendo seus principais tipos e processos de formação. Com os autores Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Joel Candau, Pablo Colacrai, Paul Ricoeur, Paul Cornneton e Pierre Nora, buscaremos discutir a memória através de uma abordagem antropológica e sociológica, entendendo-a como representação do passado, ancorada em quadros sociais, indissociavelmente ligada às estratégias sociais e políticas de lembrança e de esquecimento e, da formação de identidades individuais ou, coletivas.

Em tempos de mnemotropismo e exacerbada exteriorização da memória (CANDAU, 2012) e constante aceleração das trocas e o estreitamento dos horizontes de tempo e espaço (HUYSSSEN, 2002), Joel Candau, Andreas Huyssen, Vera Dodebei e Pierre Lévy poderão nos dar algumas pistas sobre o estatuto contemporâneo da memória na era das redes e tecnologias intelectuais computacionais. O atual desenvolvimento tecnológico pós-internet nos impõem uma relação diferente com a temporalidade: o passado (já findo), o presente (real) e o futuro (horizonte de expectativas) dão lugar ao tempo real, online, acrônico que, para Candau (2012), encerra uma ação sem memória.

A memória individual e as redes neurais

De acordo com Milner, Squire e Kandel (1998), as neurociências cresceram e se desenvolveram rapidamente no último século, tanto em função das novas descobertas na área da neurobiologia celular quanto pela emergência da neurociência cognitiva como disciplina única (unindo as diversas áreas que de forma individualizada estudavam a cognição) dedicada ao estudo do cérebro e da cognição. Ainda conforme os autores, a neurociência cognitiva se originou a partir de duas disciplinas: a Psicologia e a Neurobiologia de Sistemas, possibilitando assim, uma abordagem interdisciplinar coerente do sistema nervoso, que incentivou a ideia de que as técnicas e os conceitos da neurobiologia e da neurociência de sistemas podiam ser aplicadas à análise de cognição.

A compreensão de tão elaboradas ações relacionadas à aquisição de conhecimento, como a fala, o raciocínio, a percepção, a imaginação e a memória, tomaram grande impulso a partir da década de 1990, quando foi proclamada a Década do Cérebro pelo então presidente norte-americano George W. Bush, levando a um aumento considerável do interesse pelos estudos neurocientíficos, sobretudo aos de imageamento cerebral⁴ (LISBOA; ZORZANELLI, 2014). A necessidade de investimentos na área do cérebro é compreensível, uma vez que inúmeras pessoas ao redor do mundo são afetadas por distúrbios cerebrais tais como doenças neurogenéticas e distúrbios degenerativos: doença de Alzheimer, isquemia cerebral hemorrágica (derrame), esquizofrenia, autismo, déficits da fala, audição, abuso de drogas, epilepsia, entre outros.

Milner, Squire e Kandel (1998) reconhecem que a ciência computacional fez uma contribuição distinta à neurociência cognitiva. A computação tornou possível modelar a atividade de grandes populações de neurônios para começar a testar determinadas ideias sobre como regiões específicas do cérebro contribuem para determinados processos cognitivos.

Muitos mistérios ainda cercam nosso conhecimento sobre os processos cognitivos, em especial os relacionados à memória, mas o que podemos afirmar é que para se compreender a organização neural de um comportamento complexo como, por exemplo, a seleção, a consolidação, a incorporação, a retenção e a evocação/recordação de lembranças, devemos entender não só as propriedades das células individuais e os caminhos, mas também as propriedades de rede de circuitos funcionais no cérebro. Diante disto Ivan Izquierdo (1989) afirma que não podemos falar de uma memória, mas de várias, complexas e interligadas:

[...] não é possível encaixar a enorme variedade de memórias possíveis dentro de um número limitado de esquemas ou modelos, nem reduzir seu alto grau de complexidade a mecanismos bioquímicos ou processos psicológicos únicos ou simples [...] A variedade de memórias possíveis é tão grande, que é evidente que a capacidade de adquirir, armazenar e evocar informações é inerente a muitas áreas ou subsistemas cerebrais, e não é função exclusiva de nenhuma delas. (IZQUIERDO, 1989: 90-91)

As várias memórias reconhecidas por Izquierdo (1989) podem ser classificadas quanto a sua função, conteúdo ou duração. Os dois principais grupos ou classificações conhecidas são: memórias tipo “saber como”, trata-se da me-

4 Imageamento cerebral são exames que formam imagens do cérebro. As técnicas de imageamento cerebral “oferecem belas imagens das estruturas nervosas, fluxo de sangue, e metabolismo energético no cérebro, bem como das mudanças na atividade neural que ocorrem quando realizamos diferentes tarefas [...]”. O exame mais comum de imageamento cerebral funcional é o PET (tomografia por emissão de pósitron), outros incluem a Imagiologia de Ressonância Magnética (MRI), Imagiologia de Tensores de Difusão (DTI) entre outros. (LOGOTHETIS, 2014).

mória não-declarativa, de procedimentos ou procedural, que não é verdadeira nem falsa pois trata-se da memória de atos motores, de concatenações de atos motores, como por exemplo, saber dirigir, saber nadar. Ela é a base das mudanças do comportamento hábil, a capacidade de responder adequadamente aos estímulos através da prática (IZQUIERDO, 1989; MILNER, SQUIRE e KANDEL, 1998). Para Candau (2012), este tipo refere-se ao que ele reconhece como protomemória ou memória de baixo nível, um dos três níveis taxonômicos da proposta do antropólogo para as diferentes manifestações da memória. A protomemória: “constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade” (CANDAU, 2012: 22). Trata-se da memória-hábito de Bergson (1999), que replica o passado no presente e está inscrita no corpo.

O segundo grupo, trata-se da memória tipo “saber que”, memória declarativa ou explícita, que comumente chamamos de memórias, referem-se às lembranças dos fatos, eventos, sequências de fatos, pessoas, conceitos e ideias. Já que está envolvida em modelar o mundo externo e armazenar representações sobre fatos e episódios, ela pode ser verdadeira ou falsa (IZQUIERDO, 1989; MILNER, SQUIRE E KANDEL, 1998). Ela ainda pode subdividir-se em episódica (eventos ou episódios) ou semântica (linguagem). Candau (2012) chama de memória de recordação ou de reconhecimento, a memória propriamente dita, ou a memória de alto nível, que se trata da evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais (CANDAU, 2012).

Diante do exposto, conclui-se que a transmissão memorial será possível através das extensões da memória que, para Pierre Lévy, constituem-se nas tecnologias da inteligência:

[as tecnologias da inteligência] quase sempre, exteriorizam e reificam uma função cognitiva, uma atividade mental. Assim fazendo, elas reorganizam a economia ou a ecologia intelectual em seu conjunto e modificam em retorno a função cognitiva a qual pressupunha-se somente assistir e reforçar. (LEVY, 2015, documento eletrônico).

Para o sociólogo a cada período histórico determinada tecnologia intelectual torna-se proeminente na construção e transmissão do conhecimento. Assim, Lévy (1993) indica os três tempos do espírito: a oralidade primária ou mítica, a escrita e a informática ou imagética.

Da linguagem oral e do próprio corpo enquanto tecnologia intelectual, passamos à escrita e seus diversos suportes, para contemporaneamente transpomo-nos as tecnologias computacionais contemporâneas.

Enfim, tanto a protomemória quanto a memória dependerão da faculdade da memória e, conseqüentemente, da integridade de todo o sistema nervoso. Outras classificações da memória ainda podem incluir as seguintes tipologias: memória operacional, de trabalho, e de longo ou curto prazo.

Quanto ao processo de aquisição e recuperação das memórias, Izquierdo (1989) afirma que existem certas estruturas e vias (o hipocampo, a amígdala, e suas conexões com o hipotálamo e o tálamo) que são responsáveis pela gravação e evocação da maioria das memórias, para ele: “Este conjunto de estruturas constitui um sistema modulador que influi na decisão, pelo sistema nervoso, ante cada experiência, de que deve ser gravado e de que deve ou pode ser evocado” (IZQUIERDO, 1989: 92). A fixação de determinadas informações (memórias) através dos sentidos ocorre seletivamente e depende basicamente do envolvimento emocional do indivíduo ante cada situação. A nível celular, os

neurotransmissores⁵ funcionam como mediadores físico-químicos que regulam a transmissão de informação entre os neurônios.

Quanto à retenção das informações, o mais provável é a existência de um armazenamento de memórias em circuitos múltiplos e redundantes, de forma distribuída, onde células trabalham em conjunto para representar informações e que estes conjuntos são distribuídos em grandes áreas do córtex (MILNER, SQUIRE E KANDEL, 1998). Para Izquierdo (1989) não há um único sítio de armazenamento de cada tipo de memória ou de todas, mas é provável que certas variedades de registros se conservem em regiões separadas.

Por fim, inúmeros pesquisadores ainda buscam entender, de fato, do que são feitas as memórias? Que áreas do cérebro estão diretamente envolvidas com cada tipo de memória? Como as interferências físico-químicas podem alterar as memórias ou causar determinadas amnésias? Atualmente, trabalha-se na perspectiva de funcionamento cerebral do ponto de vista de redes neurais, que podem se interligar, modificar uma a outra a partir da incorporação de novas memórias, da retirada de informações de memórias antigas ou da simulação de memórias. Não guardamos todas as memórias que fazemos e, da maioria delas, conservamos só fragmentos. Sem poder esquecer, selecionar e classificar as lembranças, não poderíamos efetuar generalizações e, assim como o personagem do conto Funes, o memorioso de Jorge Luís Borges, não poderíamos nem pensar.

Tamanha é a abstração necessária para a compreensão da intangibilidade que cerca os processos mnemônicos, que a ciência faz uso de metáforas. Para Rodney Brookes, especialista em inteligência artificial do Massachusetts Institute of Technology (MIT):

[...] o cérebro sempre parece ser a mais avançada tecnologia que nós, humanos, dispomos em determinado momento [...] Quando eu era criança, nos anos 50, li que o cérebro humano era uma central telefônica. Depois, ele se tornou um computador. Recentemente, alguém me fez a pergunta que eu esperava havia anos: “O cérebro humano é como a internet?”. (BROOKES, 1991⁶, apud LISBOA; ZORZANELLI, 2014: 364).

Para Lisboa e Zorzaneli (2014), a metáfora da máquina e do computador, utilizadas, por exemplo, por Izquierdo quando ele diz: “memória tem o sistema imunológico, uma mola e um computador [...]” (IZQUIERDO, 1989: 89), se viram incompletas para explicar a complexidade do cérebro humano, no entanto, contemporaneamente o uso da metáfora da internet e a apropriação da lógica das redes computacionais tem proporcionado um entendimento mais abrangente do cérebro e dos processos de aprendizado, que, a partir de agora, começam a ser vistos de forma cada vez mais associativa e menos estoquista e localizacionista.

A memória coletiva: lembrar, compartilhar

A noção de que a memória não é apenas a faculdade individual da recordação, mas também um fenômeno influenciado pelo contexto social surgiu com os estudos do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1976; 1990). Para Pablo

⁵ Os neurotransmissores são substâncias liberadas pelas terminações dos prolongamentos da célula nervosa, os axônios, que enviam informações aos dendritos de outro neurônio. “O neurotransmissor excitatório mais importante é o glutamato, para o qual existem diversos tipos de receptores. O principal é o ácido gama-amino butírico (GABA, em inglês). Outros neurotransmissores são a acetilcolina, a noradrenalina, a dopamina e a serotonina, quase todos com funções modulatórias. Dependendo de qual seja o neurotransmissor envolvido as sinapses se denominam glutamatérgicas, GABAérgicas, colinérgicas, dopaminérgicas, noradrenérgicas ou serotoninérgicas.” (IZQUIERDO, 2014, documento eletrônico)

⁶ BROOKS, R.A. Intelligence without representations. *Artificial Intelligence*, n. 47, p. 139-159, 1991.

Colacrai (2010), Halbwachs foi o primeiro a empossar a existência de uma memória coletiva, conceito por ele cunhado, e a intentar outorgar-lhe um estatuto epistemológico. Sua importância também é ressaltada pelo fato de ter reunido o pensamento essencialista do filósofo Henri Bergson e a sociologia de Émile Durkheim, ambos intelectuais muito influentes na constituição de suas concepções, defendidas primeiramente na obra *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* de 1927, e postumamente na obra *A Memória Coletiva*, publicada em 1950.

A principal contribuição de Halbwachs (1976) se relaciona com a noção dos “quadros sociais da memória”. Para o sociólogo, a memória se funda/constroi a partir das relações com os outros, através das seguintes categorias, que ele denomina quadros sociais: linguagem, espaço, tempo, família, religião, classes sociais e tradições. Portanto: “todo recuerdo está entonces condicionado por el recuerdo de los otros” (COLACRAI, 2010: 65). Halbwachs induz à compreensão da memória sob a perspectiva de que o sentido/significado dado às recordações e às experiências cotidianas advém dos ensinamentos e das relações que os indivíduos mantêm entre si e com sociedade. Os grupos dos quais estes fazem parte acabam por inspirar suas ideias, reflexões, sentimentos e emoções. Assim, os “quadros sociais da memória” são instrumentos que a memória coletiva utiliza para reconstruir uma imagem do acontecimento ocorrido no passado, de acordo com os valores e pensamentos da sociedade do presente, no tempo e espaço em que ocorre a recordação (HALBWACHS, 1976).

A sua obra mais icônica, *A Memória Coletiva*, foi elaborada postumamente, a partir dos manuscritos deixados pelo autor. Desde então, o conceito memória coletiva foi amplamente apropriado e utilizado pelas ciências humanas e sociais. Na obra o sociólogo reconhece a existência de uma memória individual, somente estabelecida/ancorada na memória coletiva, bem como procura fazer distinção entre a memória coletiva, que é a vivida e a memória histórica, que é aprendida. À categoria tempo é dedicado um capítulo, pois é ele que possibilita ordenamento à vida social, quando classificado e datado. É do reconhecimento coletivo de um tempo passado, um presente e um tempo futuro que se identificam as lembranças e que se mede a duração (HALBWACHS, 1990), tal qual reconhecido por Bergson (1999). Candau (2012) completa: “a memória nos dará esta ilusão: o que passou [no tempo] não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2012:15). O espaço como categoria também é trabalhado, já que nos fornece referenciais materiais de ancoragem das recordações e “nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade” (HALBWACHS, 1990: 131).

Halbwachs (1990) reconhece a existência da memória individual, mas estabelecida a partir das referências e lembranças próprias do grupo:

Consideramos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. (HALBWACHS, 1990: 54)

Ao afirmar que a memória é objeto de construção, o autor em vez de apresentá-la como reprodução fiel da realidade, assinala que as lembranças podem, por meio da vivência em grupo, ser, reconstruídas, esquecidas ou até mesmo simuladas. A recordação e o testemunho do outro servirão para afirmar e reconhecer a lembrança de si. Halbwachs (1990) também alega que o lugar ocupado pelo sujeito dentro do grupo será crucial para a formação das suas memórias. O autor utiliza como exemplo a relação do professor com os alu-

nos dentro de uma sala de aula. Para os alunos, a lembrança do professor será mais forte, o vínculo estabelecido entre aluno/professor será mais profundo em função do lugar de destaque ocupado pelo professor, e em função do grupo de alunos permanecer quase o mesmo durante anos, constituindo-se em uma comunidade afetiva. Já sob o ponto de vista do professor, será mais difícil recordar de cada aluno ou de cada acontecimento vivenciado em determinada situação. São tantos os alunos que passam aos seus olhos, são tantas situações similares em grupos de alunos diferentes que o impacto afetivo é menor e os acontecimentos recordados acabam por mesclar-se.

No entanto, Joel Candau (2012) atenta para a utilização exacerbada do caráter coletivo da memória, que para ele se constitui nas “retóricas holistas”. A existência de uma memória fundada apenas dentro de um grupo, que acaba por compartilhá-la integralmente no coletivo deve ser relativizada. Para o antropólogo, a protomemória e a memória de alto nível dependem da faculdade da memória, e são aquelas lembranças que individualmente evocamos, a nossa maneira pessoal. O único nível da memória que é atestado – como um possível - compartilhamento é a metamemória, que se trata de uma representação relativa a essa faculdade, e incorpora o terceiro nível da taxonomia proposta por Candau (2012):

A existência de um discurso metamemorial é um indicador precioso, revelador de uma relação particular que os membros de um grupo considerado mantêm com a representação que eles fazem da memória desse grupo, e, de outro lado, esse discurso pode ter efeitos performáticos sobre essa memória, pois, retomado por outros membros, esse discurso pode reuni-los em um sentimento de que a memória coletiva existe e, por esse mesmo movimento, conferir um fundamento realista a esse sentimento. (CANDAU, 2012: 34).

Assumindo a existência de uma metamemória coletiva, Candau (2012) destaca a importância das representações e, assim, propõem a distinção entre as “representações factuais” (relativas à existência de fatos) e “representações semânticas” (relativas ao sentido atribuído aos fatos). Será sempre mais fácil atestar a existência de uma memória coletiva no primeiro caso, principalmente na presença de um grupo pequeno onde ocorra a repetição das representações, levando a uma homogeneização parcial destas. Em quaisquer dos casos, a memória será forte quando for organizadora dos laços sociais, massiva e compartilhada pela maioria dos membros do grupo. A memória será fraca quando for difusa e superficial e, por ser desorganizadora, pode desestruturar o grupo.

Portanto, a metamemória coletiva é possível quando reconhecemos que tanto a lembrança quanto as evocações (as lembranças que são verbalizadas nas narrativas, por exemplo) são múltiplas e idiossincráticas e que os indivíduos, podem, por adesão voluntária, entender-se integrantes de um mesmo grupo que compartilha as mesmas memórias, reunidos em uma mesma noção de identidade. O compartilhamento é verificável quando da existência de “atos de memória coletiva” (CANDAU, 2009), tais como os mitos fundadores, as narrativas museais, as comemorações, entre outros.

Os lugares de memória: guardar, esquecer

Quando a dimensão da memória enquanto experiência vivida parece se esvair, é comum que se criem lugares, suportes permanentes e estáveis da memória. A memória que organiza grupos e sociedades, funda identidades e mascara a efemeridade da existência. Pierre Nora, historiador francês, lançou mão de

outra noção amplamente disseminada no campo dos estudos sociais: a noção de Lugares de Memória (1993). Tal concepção surgiu no texto *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, que abre o volume inicial da obra *Les Lieux de Mémoire*?⁷ datado de 1992. Para o historiador, as grandes transformações dos processos históricos e a exacerbada atenção dada à memória e aos seus suportes no tempo presente, geraram uma crise na identidade francesa – foco de análise do seu estudo -, que só poderia ser superada à medida que se identificassem lugares onde a memória se cristalizasse e a identidade pudesse então voltar a ter bases fundadoras:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza [...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente há vida, quando o mar se retira da memória viva. (NORA, 1993: 12-13)

Nesses lugares, onde a memória viva, espontânea e verdadeira não mais habita, não há diferença rígida entre história e memória e o que se percebe é um jogo entre ambas, levando a sobredeterminação recíproca. Jogo esse que supõe um componente político, uma “vontade de memória”, uma “intenção de memória” (NORA, 1993). Os lugares de memória funcionam como poderosos sócio-transmissores (CANDAU, 2012) que encadeiam os três níveis de memória (protomemória, memória de alto nível e metamemória), promovendo a conexão entre as memórias dos indivíduos e potencializando a metamemória coletiva.

Mas nem só de memórias se constituem esses lugares, assim como nenhum indivíduo é capaz de armazenar e evocar toda a sua existência. É da demarcação seletiva de acontecimentos que “são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação” (CANDAU, 2012: 98), que os indivíduos organizam suas narrativas, constroem a ideia de si próprios e reforçam seus laços sociais.

O esquecimento está intrínseco a qualquer processo memorial. Lembrar e esquecer e seus múltiplos mecanismos de exclusão operam igualmente em cada processo (HUYSEN, 2002). Paul Connerton (2008) em seu artigo: *Seven types of forgetting*⁸ afirma que o esquecimento é por vezes entendido como uma falha à capacidade e à obrigação da memória, mas que, além de ser útil, o esquecimento também se constitui em estratégia social e política. A negação e eliminação repressiva de determinados períodos históricos ou grupos sociais, o esquecimento como ruptura, a fim de se construir nova identidade, ou a anistia, esquecimento institucionalizado, com o objetivo de minimizar danos (ou não permitir a vingança em meio a conflitos), são exemplos de estratégias de memória e identidade utilizadas pelos indivíduos, estados e nações. A eleição de determinadas fotografias que irão compor um álbum fotográfico pessoal, a escolha dos patrimônios e monumentos representativos de uma nação e a política de aquisição e descarte de objetos nos museus são exemplos de esquecimento

7 Lugares de Memória.

8 Sete tipos de esquecimento.

controlado, que permeiam a gestão da memória que individual ou socialmente realizamos.

Para o filósofo e historiador francês Paul Ricoeur (2007) “O esquecimento é o desafio por excelência oposto à ambição de confiabilidade da memória” (RICOEUR, 2007: 424), e juntamente com as lembranças encobertas e os atos falhos, os esquecimentos “assumem na escala da memória coletiva, proporções gigantescas, que apenas a história, e mais precisamente, a história da memória é capaz de trazer a luz” (RICOEUR, 2007: 455). Aqui Paul Ricoeur (2007) se refere ao dever de memória, a fim de que se haja uma justa memória.

A memória e a era das redes computacionais

Após esse percurso interdisciplinar pelos estudos das dimensões individuais e sociais da memória, proponho neste artigo refletirmos sobre o estatuto contemporâneo da memória na era das tecnologias da informação e comunicação e das redes computacionais.

Quer a nível individual, o da cognição humana ou à nível coletivo, o da transmissão de representações sociais, como características do paradigma tecnológico contemporâneo da cultura digital, as relações sociais (cíbridas⁹), os saberes (inteligências) distribuídos eletronicamente, a construção do conhecimento (colaborativa e em rede) e, os processos memoriais e identitários são reconfigurados com o surgimento do ciberespaço¹⁰.

De acordo com o pesquisador alemão Andreas Huyssen (2002) os meios tecnológicos pós-internet afetaram a estrutura da memória e a maneira como percebemos o tempo e o espaço. Aliado a isso, Huyssen (2002) irá resgatar a terminologia “musealização”, primeiramente cunhada por Hermann Lubbe¹¹ para afirmar que, como característica central de uma mudança de sensibilidade temporal do nosso tempo, o passado mesmo é que se manifesta como efêmero. Encontra-se aí a necessidade de dar-lhe um valor como passado, musealizado. O historiador reconhece que os “futuros presentes” da cultura moderna estão transformando-se em “pretéritos presentes” no pós-modernismo. Joel Candau (2009) identifica a compulsão memorial atual, que se evidencia nos excessos de criação de museus, paixão pelas genealogias, busca pelas origens, comemorações e aniversários, o que ele chama de “mnemotropismo contemporâneo”.

O campo midiático, social e político é invadido por essa paixão memorial, e aliada ao surgimento das tecnologias de informação e comunicação e o acesso à rede mundial de computadores, a exteriorização da memória toma proporções inimagináveis. Candau (2012) chama de “iconorréia” midiática, o fenômeno contemporâneo da exteriorização da memória que se exprime através da profusão de imagens que são estocadas, tratadas e difundidas continuamente.

Pierre Lévy (1993) sinaliza que inauguramos uma nova forma de ser e pensar com o surgimento das tecnologias intelectuais da era computacional. A partir delas o sociólogo reconhece um potencial ainda maior para nossa inteligência, que tem como base o hipertexto, a comunicação em rede, a escrita colaborativa e interativa. Na mesma linha de raciocínio, Vera Dodebei (2006),

9 Termo cunhado pela pesquisadora e artista digital Giselle Beiguelman (2003). Refere-se ao estar online e offline ao mesmo tempo.

10 Ciberespaço: palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O Ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontro e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Existe no mundo, hoje, um fervilhar de correntes literárias, musicais, artísticas, quando não políticas, que falam em nome da Cibercultura. (LÉVY, 2010: 104).

11 LÜBBE, Hermann. *Im Zug der Zeit*. Springer-Verlag 1992.

importante pesquisadora brasileira da memória social reafirma o potencial de preservação e de socialização do patrimônio e da construção coletiva da memória no ciberespaço. Para ela:

A acumulação do conhecimento se dá no domínio coletivo no qual a informação é permanentemente construída e reconstruída. Mas, se o processamento contínuo de novas informações gera uma economia de espaço de armazenamento, ele causa em reverso, a sua reformatação. Essa reformatação, representada pela fusão, complementação e descarte de informações da memória que as está processando impede a recuperação dos formatos originais de ingresso. Daí dizer-se que as memórias informacionais geridas e gerenciadas em ambiente virtual não são mais bancos de dados, nem bases de dados mas, centros de conhecimento. (DODEBEI, 2006, documento eletrônico)

Vera Dodebei (2006) destaca o conhecimento construído coletivamente, num processo contínuo de inserção e exclusão, que leva o ciberespaço a tornar-se, atualmente, o principal centro de (armazenamento) conhecimento disponível. Cabe ressaltar que, ao mesmo tempo em que a ciência utiliza a metáfora da internet para explicar as atuais descobertas da complexidade das redes sinápticas do cérebro, é da lógica da cognição humana, das memórias estruturadas de forma associativa e compreendidas para além de uma perspectiva estoquista, que a rede mundial de computadores vai procurar um modelo de funcionamento. O engenheiro e inventor Vannevar Bush no seu artigo *As we may think*¹² projetou em 1945 o Memex, um dispositivo de armazenamento, busca, seleção e retenção de informações que se assemelha as conexões, a rapidez e a complexidade da mente humana, que se tornaria a base para a criação do hiperlink e da própria internet. A cognição humana será então base para a constituição do ciberespaço, suporte e extensão das nossas memórias atuais, fragmentadas, efêmeras, distribuídas e associadas.

Considerações Finais

Portanto, na rede a memória da humanidade se armazena em constante processo (acelerado) de reformatação. É no tempo real que os acontecimentos são percebidos, no tempo do novo constante, e do eterno retorno, online, e à distância de um click. Enquanto Pierre Lévy (1993, 2010) e Vera Dodebei (2006) trabalham sob a perspectiva do retorno da memória viva e da lógica da oralidade (primeiro dos três tempos do espírito) na constituição das memórias coletivas na rede, Candau (2012) afirma que “a compulsão memorial contemporânea e o que denominamos crises identitárias se explicariam por uma expansão descontrolada da memória” (CANDAU, 2012: 116) advinda da midiatização das experiências.

Os clássicos lugares de memória transcrevem-se para o meio digital e sobre a superabundância informacional disponível na web, que caracteriza a era das redes, Huyssen (2002) Candau (2012) e Connerton (2008) atentam para dois perigos: o esquecimento pela obsolescência das mídias, que a todo momento se atualizam, deixando em desuso tecnologias anteriores num ínfimo espaço de tempo; e o esquecimento pelo excesso de informações produzidas, armazenadas e em circulação, que causam nos indivíduos imensas sobrecargas memoriais, deixando-os incapazes de conferi-las algum sentido. Como já frisamos antes nesse artigo, não podemos lembrar de tudo, a seleção, a classificação e a generalização são necessárias para qualquer processo de aprendizado.

¹² Como nós podemos pensar.

De qualquer maneira, devemos concordar com Huyssen (2002), quando o ele diz que se não descobrimos métodos eficazes para a preservação dos registros eletrônicos, novos suportes e extensões da memória, a fim de organizá-los, mantendo-os de certa forma protegidos para o futuro, a era da informação pode vir a tornar-se a era do esquecimento.

Referências

ANDRADE, Bruno Oliveira de. Imagem e memória - Henri Bergson e Paul Ricoeur. *Revista Estudos Filosóficos*, São João Del Rei, n. 9, p. 136-150, 2012.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2.ed. São Paulo: Martins e Fontes, 1999. (Coleção Tópicos)

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 43-58, jan./jul. 2009.

_____. *Mémoire collective et mémoire individuelle fonctionnent-elles selon le même modèle?*. *Archives*, n.25, abr. 2008. PDF.

_____. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

COLACRAI, Pablo. Releyendo a Maurice Halbwachs: una revisión del concepto de memoria colectiva. *La Trama de la Comunicación*, v. 14, p. 63-73, 2010.

CONNERTON, Paul. Seven types of forgetting. *Memory Studies*, v. 1, p. 59-71, 2008;

DODEBEI, Vera. Patrimônio e Memória Digital. *Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, ano 04, n. 08, 2006. Disponível em: <<http://www.uni-rio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>> Acesso em 25 mai. 2013.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Políticas da Memória e Políticas do Esquecimento. *Aurora*. n. 10, p. 102-118, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976

HUYSSSEN, Andreas. *En busca del futuro perdido. Cultura y memoria en tiempos de globalización*, México, FCE-Instituto Goethe, 2002, 285 p.

IZQUIERDO, Ivan. Mecanismos da Memória. *Methodus*. Disponível em: <http://www.methodus.com.br/artigo/18/mecanismos-da-memoria.html>. Acesso em 10 ago. 2015.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos Históricos*. São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112. Mai/Ago 1989 Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006

Acesso em 30 jul. 2015.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 6.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

_____. *As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. (Tradução Carlos Irineu da Costa). Rio de Janeiro: Editora 34, 1993

_____. Educação e Cybercultura: a nova relação com o saber. Caosmose. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/pierrelevy/educaecyber.html>> Acesso em 10 jul. 2015.

LISBOA, Felipe Stephan; ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Metáforas do cérebro: uma reflexão sobre as representações do cérebro humano na contemporaneidade. Physis Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. n.24. v. 2. p. 363-379, 2014.

LOGOTHETIS, Nikos. Imagiologia Cerebral. Disponível em: <http://www.anato.ufrj.br/material/Neurobro_15ImagiologiaCerebral.pdf> Acesso em 05 ago. 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

MILLER, Brenda; SQUIRE, Larry R; KANDEL, Eric R. Cognitive neurosciences and the study of memory .Neuron, v. 20, p. 445–468, March, 1998.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007

Artigo recebido em novembro de 2015. Aprovado em março de 2016